

**COMPETÊNCIAS, ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DOS SERVIÇOS MUNICIPAIS DE
PROTEÇÃO CIVIL – UMA PERSPETIVA MUNICIPAL**

AIRES PEREIRA

Vice-Presidente e Vereador da Proteção Civil da
Câmara Municipal da Póvoa de Varzim

Prometo ser breve, nesta abordagem à problemática do funcionamento dos Serviços Municipais de Proteção Civil, naturalmente na perspetiva muito concreta do Serviço Municipal que dirijo.

É óbvio que a estrutura de funcionamento tem de ser adequada à realidade específica e concreta de cada município: um município de montanha é diferente dum município plano, assim como do interior é diferente do litoral; um rural é diferente de um urbano; um muito extenso é diferente de um pequeno; um isolado é diferente dos que têm municípios vizinhos. Portanto, realidades diferentes, problemas diferentes, soluções diferentes, estruturas de resposta diferentes.

A Póvoa de Varzim é, nestas vertentes, um município-síntese: tem freguesias planas no litoral e alguma expressão altimétrica no interior; no litoral é agrícola, no interior tem um expressivo coberto florestal; tem uma população equitativamente distribuída entre a cidade e o conjunto de freguesias; tem um número de freguesias que corresponde à média nacional; tem um pé na terra e outro no mar.

É esta realidade muito singular que faz da Póvoa de Varzim, como disse, um município-síntese também em matéria de Proteção Civil.

Temos, naturalmente, incêndios urbanos – felizmente, cada vez mais raros e cada vez mais facilmente combatidos. Os nossos Bombeiros, graças ao esforço da população e à colaboração do município e de entidades privadas, foram recentemente equipados com uma escada que permite o acesso aos edifícios mais altos da cidade.

Tínhamos esta lacuna, que nos tornava dependentes de meios inexistentes nas corporações vizinhas, e que, portanto, colocava em risco muitos edifícios e a segurança de pessoas e bens.

Temos na área florestal as deficiências existentes em todo o país. O Sr. Presidente da Câmara, há instantes, falava na necessidade de uma intervenção que reorganize a nossa floresta, de modo a facilitar a sua limpeza e reduza substancialmente a carga combustível como o risco de ignição.

Eu diria, em jeito de sugestão e com respeito por todos os especialistas que pensam estas matérias da gestão e da proteção da área florestal, porque não instalar nas cisternas dos autotanques um dispositivo que projete água à distância, evitando assim que os bombeiros se exponham a situações de proximidade ao fogo, que, não raras vezes, resultam em acidentes fatais.

Falo nisto porque verifico que os bombeiros carecem, porventura, de meios mais adequados e mais eficazes de combate e constato que, no meu concelho, alguns agricultores utilizam este equipamento que lhes permite regar as culturas a partir de cisternas acopladas a tratores, projetando a água a distâncias até 50/60 metros ou mais.

Esta aplicação permitiria, por exemplo, eliminar algumas dificuldades de acesso, não exigiria uma proximidade tão arriscada ao fogo, com tantas situações de risco para os operacionais, reduziria o número de efetivos e, portanto, permitiria maior prontidão no combate ao fogo.

Este exemplo, que me atrevo a apresentar, tem sido recorrente no interior do meu concelho e foi fundamental numa recente e gravíssima emergência, que só não teve consequências mais trágicas porque os agricultores locais surgiram de imediato a combater o incêndio, fazendo-o a partir da rua, projetando sobre as casas próximas a água que dominou as chamas que, empurradas por forte ventania, se aproximavam velozmente das habitações.

Quando os bombeiros chegaram, e chegaram depressa, já tudo estava controlado. Mas se o combate esperasse pelos bombeiros, ou fosse feito sem aquele meio, uma boa dúzia de habitações teria ficado reduzido a cinzas.

Volta e meia, a colaboração desses tratores é solicitada, com proveito reconhecido.

Fica aqui a sugestão, porque não pensar num equipamento com estas características para os bombeiros?

Talvez permitisse um combate mais rápido, mais seguro, mais eficaz e com menos meios.

Mas deixo, igualmente, uma reflexão tantas vezes repetida mas menos vezes praticada, sobre como combater melhor e mais eficazmente os incêndios, isto é, que a responsabilidade pelo combate e pela prevenção de incêndios diz respeito a todos e não apenas às autoridades.

A população tem de ser ainda mais envolvida nesta luta, através de uma pedagogia de proximidade e maior responsabilidade.

Precisamos de todos, porque a luta é de todos.

Uma outra vertente a que o Serviço Municipal de Proteção Civil da Póvoa de Varzim tendo dado especial atenção, de resto, pela sua própria geografia, é a vigilância das praias.

Também aqui há acidentes com cidadãos de todas as idades que acontecem durante todo o ano e que importa prevenir.

A ideia de que as praias são visitadas apenas nos meses de verão, ou na designada época balnear, é uma ideia incorreta, pois são cada vez mais frequentes os acidentes fora deste período.

Foi por isso que, visando a permanente vigilância das nossas praias, o município da Póvoa de Varzim celebrou protocolo com uma associação local de nadadores-salvadores (“Os Delfins”), assim garantindo a segurança dos utilizadores em qualquer época do ano.

Este acordo refletiu-se no apoio direto da autarquia na formação de jovens nadadores salvadores, facilitando a Piscina Olímpica Municipal e outros equipamentos para a realização das ações de manutenção e formação dos nadadores. Resultado: a Póvoa de Varzim conta hoje com uma equipa invejável de vigilantes.

Refletiu-se, também, na formação de cidadãos mais conscientes da prática balnear, com a realização de ações de formação junto dos alunos de todas as escolas do concelho.

Conviria que, nesta como noutras questões em que municípios com praias não são administradores desses territórios, a entidade gestora da atividade balnear assumisse plenamente a sua prevenção, ou então a declinasse plenamente. Esta situação de responsabilidade sazonal é duvidosa, porque cria um vazio cujo preenchimento exige custos sem qualquer proveito.

Na Póvoa, decidimos, como disse, assumir esses custos, porque, sendo a nossa praia a grande estância balnear da região, queremos associar-lhe uma imagem de segurança que é, em si mesma, um ativo económico de grande interesse.

Mas o assunto, só precariamente resolvido, carece da grande solução de fundo, que é urgente.

Outro aspeto a considerar nesta reflexão é a crescente anormalidade da nossa meteorologia gerando situações cuja imprevisibilidade, dimensão e incidência localizada

criam emergências nas localidades que, por si sós, não conseguem superar – daí a importância da articulação dos Serviços Municipais que, entre si, devem cooperar ao nível dos equipamentos.

Cito, por exemplo, uma motobomba de grande capacidade de que a Póvoa, volta e meia, precisa, mas cujo custo elevado não permite o município garantir.

Poderia continuar com mais situações de reflexão e debate para este encontro, mas fico-me por aqui, certo de que da discussão e da partilha de experiências colheremos ensinamentos que tornarão mais proveitosa a nossa missão de servir as populações. Uma Missão, que na Póvoa de Varzim, tem sido de assistência social permanente, sobretudo aos mais desprotegidos, resolvendo variados problemas: da porta bloqueada, aos canos entupidos, do animal que desapareceu, ao teto que está a cair; das árvores que tombam na via pública, à resolução dos diferentes problemas que acontecem no concelho e na ajuda prestiosa a tantas pessoas que vivem sós ou abandonadas e que solicitam apoio na resolução de tantos problemas.

Como se verifica, o Serviço Municipal de Proteção Civil é muito mais do que aquilo que lhe reconhecemos, é hoje um instrumento de ação social, de bem-estar, conforto e segurança das populações.

Muito obrigado pela vossa atenção, bom Encontro e boa estadia na Póvoa de Varzim.